

O MEDO NOS UNE

Por José Coutinho Júnior

“A paixão nos une”. Em outubro de 2009, essa frase foi o slogan do vídeo promocional que tornou o Rio de Janeiro a sede das Olimpíadas em 2016, sendo pronunciada em várias línguas, por pessoas diversas, com o intuito de mostrar uma cidade maravilhosa, que acolhe a todos, não importa a etnia, crença religiosa ou classe social. “O tiroteio não para aqui no Complexo do Alemão!!! a bala tá comendo! E mais uma vez, moradores acordaram assustados com c/ os tiros. É GUERRA mesmo! Muitos tiros. Helicópteros, caveirões, carros da polícia circulam neste momento pelas comunidades do Conjunto de Favelas do Alemão. Chegando muitas mensagens de moradores falando que estão sendo espancados no complexo!” Estes tweets, do jornal comunitário do Complexo do Alemão *Voz da Comunidade* no dia 28 de novembro de 2010, dia em que o exército e a polícia invadiram o Complexo do Alemão, evidenciam que o projeto de cidade adotado para o Rio está longe de ser maravilhoso.

A ação policial no Alemão, aliado à criação e implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) mostram que as políticas de segurança pública adotadas pelo estado partem de um princípio repressor, que não tem como função proteger os cidadãos, e sim manter uma ordem social desigual. “Não é preciso ser especialista em segurança pública para saber qual o papel histórico da polícia: vigiar os pobres, os marginalizados, os ‘perigosos’”. Daí o permanente dilema em sociedades democráticas, especialmente em sociedades como a nossa, em que a cidadania inexistente para boa parte da população: como manter a ordem se a ordem é injusta”, afirma a professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) Sylvia Moretzsohn.

Para Guilherme Pimentel, membro do movimento pelos Direitos Humanos *Direito para quem?*, “O Projeto de cidade em que as UPPs está inserida é o projeto de cidade dos mega-eventos, dos grandes empreendimentos. O pobre e seus direitos não importam para esse projeto. As UPPs instituem um policiamento de proximidade nas áreas pobres como prioridade política. A vigilância aumenta, é uma espécie de aldeamento dos pobres. As UPPs tiram as armas ilegais através das armas legais”.

As UPPs passam a imagem uma polícia comunitária, algo que já havia sido tentado no governo de Leonel Brizola, nas periferias. O policiamento comunitário, como o nome implica, visa criar uma polícia que faça parte da comunidade, tendo com ela uma relação de confiança. O modo como a polícia atual funciona está baseado na ideia de reatividade: a polícia só toma algum tipo de ação após um crime ter ocorrido. O policiamento comunitário, ao contrário, seria preventivo; no entanto, essa filosofia encontra muita resistência dentro da polícia.

Segundo Daniel Ganem Misse e Rodrigo Mattos de Carvalho, mestrandos em Sociologia na UFF, em artigo intitulado *Policiamento Comu-*

Invasão da polícia e exército ao Complexo do Alemão mostra o projeto de cidade priorizado pelo Estado brasileiro



Reprodução

nitário No Rio de Janeiro, “mesmo sendo consideradas um dos movimentos de reforma mais inovadores das organizações policiais, as experiências de policiamento comunitário têm sido, muitas vezes, desencorajadas pela descrença por parte dos policiais de que essa filosofia não teria nada a ver com o trabalho próprio da polícia que é o de prender bandido”.

As UPPs, apesar de ter um caráter mais preventivo do que reativo, não criam uma relação de confiança entre policiais e cidadãos, nas comunidades em que foram implantadas. Pelo contrário, a filosofia das UPPs é de que há uma guerra constante e interminável a ser travada contra o tráfico de drogas, e que a força é a única maneira de trazer paz às comunidades. Para Guilherme, “a pacificação tende a tratar o cidadão da área pacificada como suspeito, violando direitos das pessoas e instaurando um regime de gestão policial-militar das áreas pobres. Tanto é que casas são violadas, mulheres são revistadas por policiais homens, os conflitos entre polícia e morador aumentam, os bailes funk são proibidos e as atividades culturais dessas áreas passam a estar subordinadas às autoridades da Segurança Pública”.

O site WikiLeaks revelou telegramas do cônsul-geral dos Estados Unidos no Rio, Dennis W. Hearne ao Departamento de Estado americano no ano passado, que comparam o funcionamento e a filosofia das UPPs às tropas americanas no Iraque e Afeganistão. O modelo americano, que considerava a existência de uma guerra permanente na área urbana, e que para haver paz deve-se “limpar, manter e construir” também foi aplicado pelas tropas brasileiras no Haiti. Guilherme diz que “as UPPs são inspiradas em um modelo ‘export’,

conveniente para a ordem econômica mundial. ‘Limpar, Manter e Construir’ significa limpar os pobres, a cultura da favela e a juventude crítica, manter o poder instituído e construir novas bases ideológicas e econômicas nos morros, com padrões de consumo e comportamento. No Santa Marta já houve eventos de esportes radicais da Red Bull e Nike com a UPP, por exemplo”.

Intertítulo – A invasão no Alemão foi aclamada, principalmente pela mídia, como uma ação vitoriosa. A cobertura da imprensa reduziu e distorceu um problema social grave e complexo a uma simples guerra do bem contra o mal. De um lado, os policiais e exército, lutando contra o grande vilão: o tráfico de drogas nas favelas e os traficantes. Luiz Eduardo Soares, que foi secretário municipal de valorização da vida e prevenção da violência de Nova Iguaçu (RJ) de 2007 a 2009, em artigo publicado no seu blog, destaca que essa divisão mistifica o problema.

“[Os policiais corruptos] Deveriam parar de negociar armas com traficantes. Deveriam também parar de reproduzir o pior do tráfico, dominando, sob a forma de máfias ou milícias, territórios e populações pela força das armas, visando rendimentos criminosos obtidos por meios cruéis. Ou seja, a polaridade referida (polícias versus tráfico) esconde o verdadeiro problema: não existe a polaridade. (...) Não há nenhuma modalidade importante de ação criminal no Rio de que segmentos policiais corruptos estejam ausentes. E só por isso que ainda existe tráfico armado, assim como as milícias.”

A corrupção estatal, o tráfico de armas e as milícias, formadas por membros das Forças Armadas, polícia e bombeiros, são problemas muito mais



Reprodução



Reprodução

graves que o tráfico de drogas, mas que não são mencionados. Sylvia afirma que "Nenhuma atividade ilegal prospera sem relações de corrupção com agências do Estado, de modo que isolar o problema do crime na figura do criminoso mais visível - o traficante - é esconder essas relações subterrâneas e manter o público afastado da discussão que realmente importa."

Tocar nestes problemas seria colocar em xeque a legitimidade da operação no Alemão, além de questionar o que de fato causa o tráfico, e quem está se beneficiando com ele.

Sobre as milícias, Guilherme diz que "Ao contrário do varejo armado de drogas, as milícias possuem organização econômica e política. Elas elegem deputados e monopolizam atividades econômicas diversas, como venda de gás, net ilegal, internet, transporte alternativo etc. Tentam impor currais eleitorais e se organizam onde o crime se organiza: no Estado. Impõem um regime de ordem que, ao contrário do varejo de drogas armado, não vai contra os interesses da burguesia que lucra com grandes eventos. A milícia é máfia".

A Copa do Mundo, que será realizada no Brasil em 2014, e os jogos olímpicos, que terão como sede o Rio em 2016, são dois motivos utilizados como desculpa para que a segurança na cidade (e no país inteiro) seja fortalecida. A proposta da presidenta eleita, Dilma Rousseff de levar as UPPs para outras cidades reforçam a idéia de que para combater o crime, é necessário o uso da força. É preciso passar a imagem de que o Brasil é um país pacífico, onde não há nenhum tipo de conflito.

Para Sylvia, "É muito claro que as UPPs têm total ligação com o projeto de "cidade olímpica",

basta ver as favelas em que vêm sendo instaladas, todas em áreas turísticas ou naquelas que vão sediar as competições. Como a nossa imprensa vem adotando uma postura de franca propaganda a essa iniciativa, não espanta que as UPPs surjam como a solução mágica para um problema de enorme gravidade e sejam vistas dessa forma na imprensa estrangeira. As UPPs trazem em si um problema conceitual, porque falam em 'pacificar' o que é necessariamente conflituoso: viver em sociedade exige enfrentar conflitos".

A violência não é um problema, e sim o reflexo de uma estrutura social desigual, que trata as pessoas mais pobres como criminosas. Para que isso mude, é preciso que o Estado brasileiro esteja presente nas favelas e comunidades pobres, não como uma instituição repressora, e sim com políticas sociais que visem melhorar as condições de vida desta população; além disso, melhorar o aparato policial para que este deixe de ser corrupto e reativo, criando vínculos com a população e agindo para prevenir a violência, ao invés de só combatê-la. Infelizmente, essas ainda não são prioridades do Estado brasileiro que, com o uso da repressão e da força, une sua população pelo medo.

A voz da comunidade

O jornal comunitário *Voz da comunidade*, criado por adolescentes do Complexo do Alemão, foi uma das poucas formas de acompanhar o que estava acontecendo no local em tempo real e pelos olhos de pessoas da comunidade. O *Twitter* do jornal passou de 180 para 20 mil seguidores apenas em um dia, quando a invasão era iminente. Abaixo, alguns dos tweets do jornal, no dia 28 de novembro, quando polícia e exército invadiram o Alemão.

- 06:50 - Intenso tiroteio neste momento no complexo do alemão gente!!!!
 - O tiroteio nao para aqui no Complexo do Alemão!!! a bala tá comendo !
 - E mais uma vez, moradores acordaram assustados com c/ os tiroteios.
 - A policia continua no exterior da comunidade!
 - Cada entrada do complexo vive situações diferentes. as 8 hrs prov startará tudo. (envido por @jjafroreggae).
 - Vão entrar é agooor . E o tiroteio recomeça no Complexo do Alemão!!!
- 07:59 - Helicóptero da policia já está rodando na comunidade e há muitos tiros neste momento!
 - Acabou de chegar mais um blindado!!!
 - É GUERRA mesmo! Muitos tiros
 - INTENSO TIROTEIO NESTE MOMENTO NO COMPLEXO DO ALEMÃO!
 - O helicóptero está passando baixo aqui na comunidade!!!
 - Atiradores de Elite estão indo em direção ao Complexo do Alemão agora!!!
 - A bandeira do Estado do Rio já está no alto do Morro do Alemão. São 13h25m. A invasão começou às
- 16:38 - Clima tranquilo neste momento na comunidade!
- 20:23 - Helicópteros, caveirões, carros da policia circulam neste momento pelas comunidades do Conjunto de Favelas do Alemão.
 - Chegando muitas mensagens de moradores falando que estão sendo espancados no complexo! (enviado por @JJAfroReggae)
 - Acabei de confirmar num telefonema que moradores estão sendo espancados, estão quebrando casas.
 - Pelo menos a pizzeria está aberta hoje! E ainda lotada!!! Liguei agora pra pedir uma pizza e disseram que o telefone não para de tocar!